



# A Santa Sé

---

## **DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II AOS DIRIGENTES, JORNALISTAS E AMIGOS DO QUOTIDIANO "LA CROIX"**

**POR OCASIÃO DO CENTENÁRIO DE FUNDAÇÃO** *Sábado, 23 de Abril de 1983* *Minhas Senhoras e meus Senhores*<sup>1</sup>. É com viva satisfação que vos recebo, e agradeço ao Sr. Gélamur a apresentação que fez do vosso grupo e do projecto de LA CROIX. Aproveito para saudar também todos os leitores, que são ao mesmo tempo beneficiários e benfeitores fiéis deste diário católico, assim como toda a equipa de redactores, cujo difícil trabalho bem conheço. Eis-vos aqui, peregrinos deste Ano Jubilar e, mais ainda, motivadores de outros peregrinos, pois tendes possibilidades e uma responsabilidade especiais em fazer compreender à opinião pública a natureza do processo de conversão proposto a todos os cristãos, bem como a necessidade da Redenção.<sup>2</sup> Celebrais o *centenário* de LA CROIX, ao comemorar a sua fundação em Junho de 1883 pelos Padres Picard e Bailly, dignos discípulos do P. Emmanuel d'Alzon, o fundador das Assuncionistas. Tendes atrás de vós um período de prodigiosa vitalidade, cujos arquivos contêm documentos preciosos para toda a história da Igreja em França desde há um século. É bom recordar as corajosas iniciativas que marcaram tal período, as etapas-chaves, as personalidades de relevo como o P. Gabei, e sobretudo o espírito que animou desde o início os redactores, "mostrando a cor" de LA CROIX: a intenção de testemunhar alto e bom som, através dos acontecimentos, a fé católica, a fidelidade à Igreja, a dedicação ao Papa, o sentido missionário, a defesa dos valores humanos e cristãos, tudo isto de uma forma que sensibiliza em geral as pessoas.<sup>3</sup> Sentistes por diversas vezes a necessidade — tal como aconteceu recentemente — de renovar a apresentação do jornal. Trata-se de um aspecto técnico que tendes estudado cuidadosamente, dando ao mesmo tempo atenção não só às exigências do jornalismo moderno, como às necessidades religiosas actuais, sobretudo no que se refere às novas gerações. A escolha da melhor fórmula é naturalmente da vossa responsabilidade, sem esquecer porém que a forma está ao serviço do conteúdo, o qual não poderá ser simplesmente a resultante do pensamento dos leitores actuais ou potenciais, nem das mentalidades contemporâneas, uma vez que o jornal pretende constituir um ponto de referência cristão, e propor a mensagem do Evangelho. É dever do episcopado do vosso país dar o seu parecer acerca deste serviço à Igreja, e encorajá-lo.<sup>4</sup> O facto de representar um jornal católico aberto às preocupações dos demais cristãos, de difusão diária e nacional, coloca-vos numa posição privilegiada, e é compreensível que para a Igreja em França — bem como também para lá das suas fronteiras, de modo particular nos países francófonos e mesmo em Roma — seja importante e mesmo indispensável assegurar a um jornal como LA CROIX tanto a continuidade como o aperfeiçoamento, apesar das dificuldades materiais e dos problemas de todo o género. Tudo isto constitui para vós motivo de um grande reconhecimento, mas ao mesmo tempo também de uma grande responsabilidade. Ao falar assim, não esqueço de forma alguma os demais esforços que contribuem igualmente para a informação religiosa: a imprensa de província de matriz cristã, as revistas semanais católicas, e também os esforços dos *informadores religiosos* da imprensa neutra. O número

elevado destes profissionais testemunha o interesse que suscita a Igreja em geral bem como as suas actividades, sobretudo desde o Concílio. É ao fazer estas considerações que desejo deter-me agora na análise de duas exigências da imprensa católica de informação. Ambas se referem à verdade: a verdade na apresentação da realidade quotidiana, e a verdade do testemunho em favor da fé.

5. *A verdade na exposição e no comentário dos factos*: o subtítulo de LA CROIX — "O acontecimento" — responsabiliza-vos na forma de apresentar os acontecimentos mais importantes do vosso país, da vida mundial, da Igreja. Torna-se necessário pôr em relevo o essencial, e respeitar a autenticidade do facto nos seus diversos aspectos: "tudo sobre o essencial" como vós próprios dizeis. Isto levará a não fundamentar uma notícia em certas informações frágeis, obtidas de fontes discutíveis, a não exagerar os factos de menor importância, a não ceder à pressão da opinião comum, ou como tal considerada, à solicitação perigosa e interessada do sensacionalismo, a não se submeter a uma opção partidária, sobretudo no domínio da política. Para garantir a vossa honestidade, deveis manter cuidadosamente a *liberdade*, a independência, *ao serviço da verdade*. Tudo isto constitui por si só um testemunho notável. Quando se fala de factos significativos, referimo-nos àqueles que são importantes para se formar um juízo objectivo sobre a realidade da vida dos homens, sob os diversos aspectos: cultural, económico, político, pedagógico, religioso... Uma tal apresentação favorecerá uma verdadeira reflexão sobre os valores que fundamentam a vida humana, e permitirá compreender o apelo evangélico neles contido. Quanto ao que se refere aos factos religiosos, o informador religioso respeitará a verdade mostrando-os a partir de dentro, em referência à intenção da fé e ao mistério que os caracteriza, e não simplesmente do exterior, nem sequer como meros factos culturais. Vós preferis, tal como o público, privilegiar o "vivido", os testemunhos. O problema consistirá neste caso em escolher com equilíbrio aquilo que melhor representará, da forma menos parcial ou particular, a realidade no seu conjunto. Torna-se também necessário compreender que o "vivido" não coincide necessariamente com a "mensagem". Esta reflexão conduz-me ao segundo ponto.

6. *A verdade no testemunho em favor da fé*. Vós desejais que o jornal apresente à opinião pública aquilo que de mais representativo pensam os cristãos. Coloca-se aqui em primeiro lugar a questão da *importância da informação religiosa propriamente dita*. A parte que lhe é reservada nos grandes órgãos de informação (imprensa, rádio, televisão) parece diminuir cada vez mais, e acontece até com frequência que ela é mal apresentada, sob uma perspectiva muito secundária ou deformante. Este facto provoca numa larga percentagem da opinião pública do vosso país, formada na sua maioria por católicos, e em particular nos cristãos mais convictos, uma certa frustração, e um legítimo desejo de uma melhor informação sobre aquilo que mais lhes interessa; por exemplo, sobre o modo como a Igreja realiza a sua multiforme missão. Onde poderão eles encontrar esta informação religiosa de uma forma mais exacta do que num jornal que afirma a sua identidade cristã? E quem melhor poderá contribuir para esta informação do que o jornalista católico, que tem a possibilidade e até mesmo o dever de fornecer a todos os elementos necessários para uma melhor compreensão da realidade, para um diálogo em profundidade, no qual a realidade da vida seja compreendida à luz da fé? Torna-se portanto indispensável trabalhar para que não se reduzam as informações e os artigos que abordam as questões de fé. Por outro lado, compreendeis bem que seria uma atitude equívoca, perigosa e, em última análise, suicida, romper a solidariedade com a *instituição da Igreja*, da Igreja hierárquica, mesmo que muitos leitores que perderam o sentido eclesial o aconselhem. É claro que não é necessário limitar-se às manifestações oficiais da Igreja, já que a Igreja é também a vida quotidiana dos cristãos e das suas associações. Mas as instituições da Igreja são em si mesmas criadoras de acontecimentos de grande repercussão, e são as orientações do Magistério, dos Pastores responsáveis, que permitem verificar a fidelidade da vida à fé católica. A vida dos cristãos pode inserir-se, em muitos sectores, em iniciativas ou opiniões diversas. E é uma coisa sã admitir este *pluralismo*, num espírito de diálogo, num tempo em que tantas incompreensões, endurecimento, intolerância, opõem os diversos grupos no interior da sociedade e da Igreja. No entanto, este pluralismo, se pretende ser um ponto de referência cristão, supõe que seja claramente

demarcado aquilo que é legítimo nas diversas opções, nos planos doutrinal, ético, litúrgico e social, e que sejam preservados e defendidos os valores morais, como o respeito pela vida, a dignidade humana, as liberdades fundamentais, incluindo nelas a informação e o ensino, a protecção dos pobres e desprotegidos, etc. Se se trata de apresentar outras opções, por uma preocupação de fidelidade à realidade, e para oferecer uma perspectiva mais clara, sempre no respeito pelas pessoas, os leitores devem possuir os elementos suficientes para discernir sobre a atitude mais coerente com a fé e o sentido eclesial.<sup>7</sup> Em poucas palavras, o jornal católico no seu conjunto, e os redactores que nele se exprimem, devem dar um verdadeiro testemunho da fé cristã, da fé da Igreja, de tal modo que os leitores, quaisquer que sejam, tenham a certeza de encontrar *a palavra do crente, do crente fiel*, feliz na sua fé e na adesão à Igreja sua mãe, que ele aprende a amar e a contemplar a partir de dentro. Isto faz parte da vossa fidelidade sem a qual, como vós próprios afirmais, perderíeis a vossa razão de ser, e corresponde à vossa missão actual, e à dedicação à Igreja, que vós professais e desejais fortificar junto do sucessor de Pedro. Ao mesmo tempo, os leitores encontrarão uma *verdadeira perspectiva* dos diversos acontecimentos, que lhes consentirá formar um juízo humano e cristão, apto para servir e promover todo o homem, e que abrirá o caminho à esperança e ao amor. Não é verdade que se resume nestes dois pontos a nota específica do jornalismo católico? É todo um programa que nos é sugerido pelo significativo título: "a cruz, o acontecimento". Tal exige honestidade, sólidas convicções cristãs e uma autêntica arte. Creio que foi o P. Gabei quem afirmou: "O jornalista católico é, no que se refere ao acontecimento, um mediador entre a doutrina, as orientações da Igreja e o seu público". Sim, trata-se de uma arte difícil mas apaixonante, e tão necessária! Estou certo de que no mundo tão poderoso e tão diversificado dos *mass media*, vos preocupareis em continuar a realizar da melhor forma a vossa missão, aceitando todos os desafios, no mesmo espírito dos vossos célebres antecessores. Encorajo-vos a prosseguir nesta linha, implorando para todos vós a luz e a força do Espírito Santo. A vós, aos Padres Assuncionistas, aos redactores e a todo o pessoal de LA CROIX, aos leitores e às vossas famílias, concedo a minha Bênção Apostólica. © Copyright 1983 - Libreria Editrice Vaticana